

# Apresentação



Este número de *Letras de Hoje* apresenta trabalhos resultantes do projeto interinstitucional intitulado **Estudos Culturais e Literaturas Lusófonas**, cujo objetivo é constituir uma reflexão teórica sobre multiculturalismo e pós-colonialismo, pensamento mais recente na área da Teoria da Literatura, dedicado à relação entre literatura e sociedade, literatura e cultura, e difundir as literaturas lusófonas, principalmente a portuguesa, as africanas e a timorense, entre docentes, pesquisadores e alunos de Letras. O grupo é constituído por docentes e pesquisadores de diferentes instituições universitárias abrigados no Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa (CECLIP) de nossa Universidade. Participam do grupo de pesquisa os doutores: Maria Luíza Ritzel Remédios (coordenadora – PUCRS), Inara de Oliveira Rodrigues (UNIFRA), Jane Tutikian (UFRGS), José Luís Giovanoni Fornos (FURG), Luís Antonio de Assis Brasil (PUCRS), Márcia Helena Saldanha Barbosa (UPF), Mauro Gaglietti (UPF), Miguel Rettenmaier da Silva (UPF), Miriam Denise Kelm (UNIPAMPA); Isadora Dutra (PUCRS), doutorandos de Teoria da Literatura da PUCRS: André Luís Mitidieri, Francisco José Sampaio Melo, Karen Backes, Roberto Carlos Ribeiro; mestranda Luciana Éboli.

Tendo em vista as alterações das noções de nação e identidade diante das novas pressões sociais advindas dos processos de globalização econômica, a literatura contemporânea tem-se desdobrado em gêneros híbridos, em que as fronteiras tradicionais são transgredidas, os modelos clássicos são retomados e refundidos, os estilos se particularizam, recusando-se assumir os lugares estéticos consagrados pelos diversos modernismos do século XX, mas também repensando as estratégias textuais associadas ao chamado pós-modernismo. Desse modo, os Estudos Culturais foram vistos pela crítica mais tradicional como transformadores dos leitores da alta literatura em “fãs de cultura *pop* e analistas de *shoppings centers*”. Na versão apologética eles chegaram para fazer revolução e não deixar pedra sobre pedra nos modos tradicionais de se fazer cultura.

Os Estudos Culturais surgiram em determinado ambiente socio-histórico, partindo de um projeto intelectual que incluía o estudo da cultura popular e dos fenômenos da vida cotidiana, reservando, entretanto, espaço para um novo modo de ler a alta cultura. Tendo início na Grã-Bretanha dos anos 50, em aulas noturnas para trabalhadores, logo foram exportados para os Estados Unidos. Como se trata de um fenômeno que,

na sua origem e no atual ponto de disseminação, encontra-se localizado na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, o foco da pesquisa está centrado, no primeiro momento, na obra mais produtiva de Raymond Williams e a de Stuart Hall, e, num segundo, na derivação pós-colonialista de Homi Bhabha, procurando estabelecer ligações entre estudos culturais e formações intelectuais lusófonas.

A pesquisa desenvolve-se através do estudo de alguns casos fundadores do atual pensamento multiculturalista e pós-colonial, tendo em vista, em primeiro lugar, a compreensão de obras literárias que, intencionadas a opor-se ao universo de consumo de larga escala, parodiando ou violando convenções não apenas artísticas, mas também sociais e nacionais, sem dúvida, acabam ocupando espaços de leitura não programados e exercem um potencial contestador de hábitos e atitudes de auto-encerramento, regimes discricionários de toda espécie e expõem, a partir de temas muito localizados, os males da civilização global.

Os textos apresentados derivam das leituras teóricas realizadas em 2005 e 2006, em que se discutiam as questões de identidade e pós-colonialismo. A fase anterior da pesquisa realizada pelo mesmo grupo dedicou-se a problemas da identidade e da nação na produção literária de autores lusófonos como Josué Guimarães, José Rodrigues Miguéis, Álamo de Oliveira, Almeida Faria, Mia Couto, Pepetela, entre outros. Com a pesquisa cujos resultados parciais são aqui expostos, além de retomar textos de Homi Bhabha, outros de Raymond Williams e Stuart Hall, pretendeu-se observar como teorias pós-coloniais poderiam sustentar a interpretação de fenômenos recentes da produção literária mundial, como os textos de metaficção historiográfica, a disseminação de uma lírica idiossincrática, a exploração de intertextualidades não apenas literárias, mas provenientes de outros gêneros discursivos, além da influência das comunidades leitoras e dos aparatos técnicos de edição e circulação nos processos de composição das obras.

Há várias maneiras de abordar as relações entre estudos culturais e literários: desde o ponto de vista histórico, da formação dos estudos culturais a partir de obras de pensadores que eram principalmente críticos literários até as mudanças que esse novo campo trouxe a compreensão da literatura, pensando-se, assim, os estudos multiculturais como extensão dos literários. De outro lado, os Estudos Culturais surgiram para deselitizar a cultura e celebrar o popular. Essa vertente acaba construindo um populismo cultural que, se é simpático, também priva as classes designadas como populares de uma herança artística que deveria ser comum. O interesse pela cultura geral e não exclusivamente pela alta cultura expandiu os estudos literários, abraçando formas correntes de significação, abrindo caminho para o esforço sempre necessário de potencializar o aspecto do conhecimento social da crítica cultural. Por outro lado, levaram muitas vezes à celebração do popular e da cultura de massas como inerentemente subversivos, mascarando o fato de que, de forma cada vez mais intensa, a lógica mercantil dos meios de comunicação de massa molda a produção cultural e invade a vida. Esse é o mo-

mento do pós-moderno em que, segundo Fredric Jameson, “a cultura se expande de forma prodigiosa por todo o domínio do social, de tal forma que tudo em nossa vida social – do valor econômico ao poder do Estado, das práticas a até mesmo a estrutura da vida psíquica pode ser chamado de cultural em um sentido original e ainda não teorizado”.<sup>1</sup>

Em consequência desse momento cultural, o debate se organizou: a antiga dicotomia entre cultura de minoria × cultura de massa já não serve para descrever a situação em que a alta cultura está mais isolada e as duas são igualmente comercializadas. Desse modo o momento inerente da subversão da cultura popular próprio da agitada década de 1960, permite a produção de formas culturais que são populares no sentido perverso do termo, porque são consumidas por vastas audiências e não produzem cultura.

O chamado pós-colonialismo representa uma reação das esquerdas norte-americanas ao relativismo dos teóricos pós-modernos dos anos 70 e 80, que puseram abaixo as teorias essencialistas e utópicas. Essa direção, que restitui para o intelectual um papel ativo na crítica às políticas sociais, econômicas, nacionais e transnacionais vigentes, tem obtido muitos seguidores, que no Brasil ainda são poucos. Suas potencialidades em termos de informação, entretanto, são inúmeras e abrem um campo pouco percorrido ao pensamento teórico-crítico do evento literário contemporâneo.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida no Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa filia-se aos estudos culturais voltados para as margens dos sistemas, para os elementos excluídos, para as contra-hegemonias. O rumo dos diversos movimentos de revisão do pensamento de esquerda, da década de 1990, parte da tese de que a literatura não é pura aventura de linguagem, mas que é jogo de práticas históricas de dominação, dependente do *locus* cultural de produção/recepção do objeto literário, que deve ser entendido como multivetorial e instável, mas capaz de atingir, graças à leitura e à memória, o campo extraliterário e nele operar transformações. Na visão de Raymond Williams, esculturas, pinturas, construções podem ser considerados objetos, mas no caso da literatura, da música, da representação dramática ou da dança, o que há são notações que têm de ser interpretadas de forma ativa, segundo convenções sociais específicas. Assim, a interação entre o fazer de uma obra literária e sua recepção é sempre ativa, sujeita às convenções, que são em si mesmas formas de uma organização social dinâmica e de relações que são radicalmente diferentes do consumo do objeto.

A teoria literária, no mundo lusófono, é ainda caudatária das correntes de pensamento mais em voga na Europa e Estados Unidos nos anos 70 e 80. Apenas poucos críticos e intelectuais ligados ao pós-modernismo apresentam trabalhos mais arrojados no rumo de uma revisão de concei-

---

<sup>1</sup> JAMESON, Fredric. *O pós-modernismo ou a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996. p. 74.

tos. No entanto, há uma produção literária emergente nos países de língua portuguesa, para a qual já não cabem os quadros teórico-críticos de origem pós-estruturalista. Nomes como Milton Hatoum, Moacyr Scliar, Luiz Antonio de Assis Brasil, Luis Fernando Verissimo (no Brasil), José Saramago, Lobo Antunes, Lídia Jorge, Teolinda Gersão, Augusto Abelaira, Almeida Faria (em Portugal), Mía Couto, Luandino Vieira, Pepetela (na África), os quais já alcançaram renome em diferentes instâncias de recepção da literatura lusófona, permitem depreender-se um outro modo de expressão que poderá aliar-se ao que teóricos terceiro-mundistas têm pensado sobre subalternidade, exclusão e vozes minoritárias.

Os trabalhos apresentados e discutidos na pesquisa têm se distinguido por abordar tópicos que os interesses ideológicos totalizadores, sejam de direita ou esquerda, tendem a obscurecer, como a condição de subalternidade e a apropriação criativa dos discursos dominantes, os mecanismos de exclusão/inclusão social, a desconstrução dos cânones erigidos pelos países hegemônicos, bem como a desvinculação das identidades étnicas e minoritárias da noção de classe social, propondo o hibridismo e a errância como estratégias, num tempo de globalização acelerada, contra a racionalidade instrumental do Ocidente, orientada pela separação e as delimitações classificatórias.

Assim o grupo de pesquisa questiona, nesta revista, num primeiro momento a questão dos deslocamentos e hibridismos; num segundo momento, personagens, identidades e pós-colonialismo. Com isso pretende-se apresentar a contestação pós-moderna das grandes narrativas legitimadoras da proeminência do Ocidente, em que a própria teorização da literatura tem de se defrontar com a perda de limites dos sistemas literários, em virtude da desterritorialização crescente dos aparatos culturais e o deslocamento transnacional dos escritores e públicos. Retorna com força a tradicional convicção da sociologia da literatura de que o sentido se instaura em bases socioideológicas, buscando a reconstrução simbólica das subjetividades em dispersão.

Se a obra literária hoje não pode ser pensada fora desse contexto móvel e instável, os estudos que a ela se dedicam devem considerá-la como evento histórico-cultural e não um universo fechado, bastante a si mesmo, como ainda se observa na crítica cotidiana nos jornais e nas instituições acadêmicas brasileiras. Um entendimento que faça jus aos problemas postos pela produção-recepção literárias contemporâneas necessita rever noções como as de originalidade, refiguração formal, heteroglossia, aparelhos de legitimação mercadológica, subversão microfísica dos cânones, ascensão das culturas ágrafas e fundamentalistas, entre outros tópicos de interesse.

Maria Luíza Ritzel Remédios\*

---

\* Doutora em Letras. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Coordenadora do Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa da mesma Universidade. Pesquisadora do CNPq.

## PARTE I

# Dossiê identidade, hibridismo e multiculturalismo